

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS EM PORTO ALEGRE:  
Geografia escolar contra a Xenofobia**

SAMUEL BASTOS BRACAGIOLI

PORTO ALEGRE  
2018

SAMUEL BASTOS BRACAGIOLI

**MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS EM PORTO ALEGRE:  
Geografia escolar contra a Xenofobia**

Monografia apresentada como requisito para  
obtenção do título de Licenciado em Geografia

Orientadora: Doutora Adriana Dorfman -  
Professora do Departamento de Geografia,  
Instituto de Geociências, Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul (UFRGS).

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

SAMUEL BASTOS BRACAGIOLI

**MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS EM PORTO ALEGRE:  
Geografia escolar contra a Xenofobia**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

Banca examinadora:

---

Professora Doutora Adriana Dorfman  
(orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Professor Doutor Nelson Rego

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Professora Mestra Aline Passuelo de Oliveira

Universidade de Caxias do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

Não quero escrever nada sozinho, não sou nenhum iluminado para conceber um texto, ou algo assim. Temos muitas mãos, muitos corações, sentindo, pensando e compartilhando nossas vidas nesse mundão velho sem porteira, seria desonesto da minha parte dizer que fiz algo sozinho.

Este trabalho representa o fechamento de uma etapa de cinco anos na minha vida, vivenciada com centenas de pessoas em três Universidades diferentes, tive a satisfação de encontrar pessoas extremamente fartas de experiências nesse período que contribuíram muito com a minha formação pessoal e acadêmica e, de certa forma, acreditaram em mim, por eles cheguei aqui e por muitas tantas outras pessoas que chegam ao Brasil todos os dias escrevo esse trabalho.

Primeiramente quero agradecer a minha mãe e meu pai, pessoas extremamente idealistas de coração gigante, que indiretamente influenciaram a minha escolha pela Geografia. Também às minhas irmãs e irmão que estão ao meu lado sempre que preciso. À minha vó, por ser esse exemplo de história de vida que me inspira.

Preciso agradecer muito à minha orientadora, Adriana Dorfman, que fez eu me apaixonar novamente pela Geografia e me ensina muito a cada conversa que temos. Igualmente à minha banca, composta pelo meu professor e amigo, Nelson Rego que me faz ter esperança na educação geográfica e a Aline Passuelo, que foi uma das primeiras pessoas que eu recorri para entender as migrações.

Cabe um agradecimento à direção, professores e alunos da Escola Padre Réus, que me acolheu como aluno em 2011 e agora como estagiário, em especial ao Igor, Vagner, Ernesto, Ildo e às queridas e queridos das turmas 134 e 212. Vocês continuam sendo um exemplo para mim.

Agradeço às Universidades que me acolheram nesse período: a UDESC, especialmente a galera do PET Geografia e a UFRGS, com destaque aos meus amigos do Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa e aos meus colegas da Geografia. Ainda é um privilégio ser universitário no Brasil, espero que nosso futuro encontre cada vez mais universidades públicas, gratuitas, de qualidade e de amplo

acesso. Também à Universidad de Guadalajara e ao povo mexicano e centro-americano, nesses sete meses tive aprendizados para toda a vida, e principalmente, que a América Latina é muito mais do que uma divisão do continente americano. Sou grato a todos os amigos que fiz nesses lugares!

Aos colegas das disciplinas de Laboratório de Ensino de Geografia e Estágio, vocês foram essenciais para eu realizar esse trabalho. Aos professores-guerreiros que eu tive contato esse ano: aprendi muito com vocês. Aos meus alunos, vocês foram os que mais me ensinaram e me fizeram mudar completamente, por muitos dias foram a minha motivação para acordar.

Aos meus padrinhos de batismo, pessoas únicas e de um senso de humanidade e consciência ímpares, vocês são um exemplo para mim. Sem vocês esse trabalho também não seria possível.

Por fim e não menos importante, gostaria de agradecer pelo apoio incondicional de todos meus amigos que eu compartilhei um pouquinho dessas ideias em 2017 e que com uma palavra de incentivo que seja, fizeram disso tudo possível: Amanda, Pedro, Mateus, Ibrahim, Lucas, Fábio, Matias, Tayhú, Thiago, Nani, Demetrius e tantos outros que talvez não recorde agora, mas são essenciais.

## **RESUMO**

Este trabalho trata da questão das migrações internacionais contemporâneas na escala do espaço vivido portoalegrense pela ótica da Geografia escolar. O trabalho se propõe a refletir sobre o papel da Geografia escolar no combate à xenofobia, caracterizar migração e refúgio no contexto porto-alegrense e, finalmente, elaborar, realizar e analisar atividades de ensino sobre migrações e refúgio no contexto da escola de Ensino Médio. Isto ocorre através de um levantamento bibliográfico sobre o tema dialogando com atividades na sala de aula, através da realização e análise de oficina sobre Migrações Internacionais em uma escola estadual de ensino médio em Porto Alegre. Conclui-se que é necessário trabalhar esse tema na Geografia escolar, buscando conectar as aulas com a realidade vivida e buscando combater a desinformação, que é a origem da xenofobia.

### **Palavras-Chave:**

Imigração; Xenofobia; Geografia Escolar; Ensino Médio; Refugiados; Porto Alegre.

## **ABSTRACT**

This paper discusses contemporary international migrations in the scale of lived space at Porto Alegre from the perspective of scholar geography. It is a reflection on the role of school geography in the struggle against xenophobia, to characterize migration and refuge in the Porto Alegre context, and finally to elaborate, execute and analyze educational activities about migration and refuge in the context of the secondary school. This is done through a bibliographical survey about the theme, by discussing activities in the classroom, through analysis of a workshop on international migration in a public secondary school in Porto Alegre. It is concluded that it is necessary to work on this theme in scholar geography, trying to connect the lessons with the reality lived and seeking to combat disinformation, which is the origin of xenophobia.

### **Key words:**

Immigration; Xenophobia; Scholar Geography; High school; Refugees; Porto Alegre;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Foto de migrantes cruzando o rio em Brasileia. ....	20
Figura 2- Mapa das Solicitação de Refúgio por país de origem .....	22
Figura 3- Quadro das principais ocupações de estrangeiros no Brasil em 2017 .....	23
Figura 5– Esquema exemplificando a relação entre habilidades e competências .....	27
Figura 5– Esquema com as competências e habilidades ligadas ao estudo de migrações em Ciências Humanas .....	28
Figura 6- Mapa de Fluxos Migratórios elaborado na oficina .....	37

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

CONARE- Comitê Nacional para os Refugiados

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

FMI- Fundo Monetário Internacional

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC- Ministério da Educação

OBMIGRA – Observatório da Migrações Internacionais

RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre

ONU- Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. JUSTIFICATIVA, OBJETIVO E OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	12
3. A GEOGRAFIA CONTRA A XENOFOBIA .....	13
4. MIGRANTES E REFUGIADOS EM PORTO ALEGRE .....	18
5. AS MIGRAÇÕES NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO.....	26
6. PROPOSTA DA OFICINA .....	30
7. ANÁLISE DA OFICINA .....	34
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
9. REFERÊNCIAS.....	42
10. APÊNDICE.....	45

## 1. INTRODUÇÃO

A escolha da temática desse trabalho de conclusão de curso se dá por muitos motivos, mais da emoção do que da razão, e pretende antecipar-se na construção de uma geografia contra xenofobia no ambiente escolar. Constatei, durante a realização do meu estágio obrigatório de docência, a presença do conservadorismo e de discursos de ódio em alunos de menos de 15 anos.

Além disto, existe um sentimento de falta de sentido e desinteresse na escola. Busquei trabalhar nessas duas frentes. A motivação para estudar esse tema é a vontade de construir uma escola mais conectada com a realidade dos alunos, assim fazendo mais sentido, além da construção de empatia com todos os povos.

Milton Santos afirma em uma entrevista: “a escolha pela Geografia foi a escolha pelo movimento” referindo-se aos movimentos de migrações, sendo ele nascido no centro-sul baiano e tendo vivenciado o deslocamento dos sertanejos rumo ao Sudeste brasileiro. As migrações me tocam e fascinam desde que presenciei o desespero de haitianos em cruzar o Rio Acre em 2015, em pequenas canoas motorizadas. O rio cobria de água a cidade de Brasiléia, e o empenho dos haitianos me fez ver que a vontade deles de recomeçar era grande. Ter sido um estrangeiro no México em 2016, trabalhar ilegalmente e ver o grande deslocamento de centro-americanos rumo ao sonho americano (acesso à sociedade de consumo) sujeitando-se a todo tipo de violação, também me fez ver a situação de outro ponto de vista.

Percebo que alguns preconceitos impossibilitam uma reflexão mais humana e situada de imigrantes e refugiados. Esses estigmas acabam colocando estes estrangeiros como pessoas sem história, que ali estão ocupando vagas de trabalho informal e do qual se sabe muito pouco e pouco se pretende saber, sendo alvos de generalizações e racismo.

A crise migratória internacional é uma das principais questões humanitárias do século XXI. Se o século anterior foi desestabilizado por duas guerras de escala mundial, nesse as mercadorias e relações econômicas são globais, porém as pessoas não têm o mesmo privilégio, têm sua mobilidade limitada por fronteiras, muros e cercas.

Antes disso, o mundo viveu diversas transformações, uma série de independências aconteceram nos países do sul global. Hoje, as corporações multinacionais ampliam seus mercados aos cinco continentes e passam a produzir nos locais em que recebem maior vantagem e suporte do governo local, conquistando poder e amplitude global nunca antes vista. As migrações internacionais - enquanto fato dado - são representativas de um conjunto de fenômenos muito mais amplos que se explicam, principalmente, na escala global da atual fase do capitalismo, que atribui diferentes funções aos países pelo mundo afora, seguindo critérios bastante convenientes aos detentores do poder econômico mundial.

No ano de 2017, entrei pela primeira vez na sala de aula como educador e tive a impressão de que a escola não fazia sentido para alguns educandos. Os meus alunos no estágio do primeiro semestre em 2017 eram muito diferentes dos meus colegas de quando eu cursei o Ensino Médio, que conclui em 2011. Em 6 anos, eu notei o perfil dos estudantes muito diferente, talvez a velocidade das transformações tecnológicas faça com que os estudantes se distanciem cada vez mais do modelo de aula que estamos acostumados a ministrar. Afinal, o que faz sentido para os nossos alunos? Por que a nossa aula não consegue envolver os alunos? Será que os professores devem transformar a escola para acompanhar o tempo dos alunos ou o contrário? A prática docente me trouxe uma série de reflexões que ainda não sei responder. Claro que não tenho a pretensão de responder todas nesse trabalho.

O questionamento que está como plano de fundo é: como conseguir que as aulas de Geografia façam mais sentido para os nossos alunos? Afinal, nas aulas de Geografia falamos da Lua, de todos os planetas, de todos os continentes e de países longínquos, que sem nenhuma dúvida têm relação com algum aspecto da realidade que vivemos, mas nossos alunos – muitas vezes - não saíram da região metropolitana da cidade que habitam. Aqui se instaura a contradição.

Toda escolha de conteúdos, cronogramas, habilidades e competências a serem transmitidos cabem primeiramente ao Ministério da Educação, logo à escola e, em um menor nível, ao professor, que é quem atua no front da educação. Cabe lembrar que toda escolha é política, e que muitas vezes estamos deixando de tratar da nossa Geografia e História contemporânea. Como as espacialidades vêm se

transformando nesse exato instante? Quando os nossos alunos caminham pelas ruas, o quanto eles percebem da geografia materializada nos imigrantes? Que não é a mesma geografia da sala de aula, mas poderia ser.

## 2. JUSTIFICATIVA, OBJETIVO E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Trabalhar migrações internacionais na escola contemporânea em tempos de xenofobia, racismo e conservadorismo passa a ser um compromisso com a manutenção dos direitos humanos e democracia. Cabe aos professores, principalmente os de Geografia, abordar isso em sala de aula de modo a promover a reflexão crítica e ponderada sobre as migrações internacionais e a construção do entendimento entre os povos.

A importância desse trabalho se encontra também no movimento de contextualizar o ensino, a importância de os nossos alunos encontrarem sentido no que eles estudam, a escola deve dialogar com a realidade deles, e ampliá-la tendo a vivência como base. Quando a escola se esvazia de sentido, temos o desinteresse dos alunos e por consequência não se cumpre a função da educação. Trabalhar as migrações internacionais na escala do espaço vivido visa isso, falar sobre pessoas que os alunos veem nas ruas da cidade em que residem, que sabem que vieram de outro país, mas que tem pouco conhecimento a respeito da realidade e trajetória desses indivíduos.

O objetivo geral da proposta aqui apresentada é promover a reflexão situada com alunos de Ensino Médio sobre as migrações internacionais que afluem a Porto Alegre.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Refletir sobre o papel da Geografia escolar no combate à xenofobia.
- Caracterizar migração e refúgio de modo genérico e no contexto porto-alegrense
- Elaborar, realizar e analisar atividades de ensino sobre migrações e refúgio no contexto da escola

### 3. A GEOGRAFIA CONTRA XENOFOBIA

A Geografia pretende ser uma ciência da descrição da superfície terrestre, etimologicamente ao menos e, para isso trata primeiramente do espaço. A partir dele, surgem outros conceitos espaciais que vão garantindo a particularidade da Geografia frente às outras ciências. A leitura do espaço está longe de ser neutra, sendo modificada conforme os interesses.

Desde a concepção de determinismo ambiental de Friedrich Ratzel, a tese defendida era que o meio modificava os homens que ali habitavam, fazendo com que houvesse tantos grupos de pessoas quanto meios naturais diferentes. Portanto, tratava da influência destes espaços no povo. Esse tipo de leitura posteriormente foi usado como justificativa de teorias expansionistas e do colonialismo, pois o autor alegava que se há povos mais evoluídos e outros menos, a tendência seria a dominação de um pelo outro.

Ratzel elabora o conceito de “espaço vital”; este representaria uma proporção de equilíbrio entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo, portanto, suas potencialidades de progredir e suas premências territoriais. (MORAES, 1994, p. 70).

O determinismo geográfico foi sendo refutado e se mostrou mais útil enquanto justificativa à dominação do que como uma teoria reconhecida pelos seus pares. Em um primeiro momento, a submissão pela força e violência era essencial ao colonialismo, logo a questão racial também é um importante instrumento de dominação do colonialismo, através do qual o colonizador insiste em um processo de inferiorização, fazendo com que um povo se submeta a outro por acreditar na falsa ideia de ser “biologicamente” inferior.

A sociedade predominantemente colonial termina, porém a colonialidade permanece com esses resquícios de racismo e etnocentrismo notados na sociedade atual.

A leitura do geógrafo Renato Emerson dos Santos propõe que não existem diferenças biológicas entre as raças que levem a categorizar ou hierarquizar essas diferenças, logo a atribuição de raças, não sendo biológica, passa a ser geográfica, pois remete ao local de origem da pessoa.

Essas associações são, eminentemente, geográficas. Raça passa a ser, por esta ótica, um conceito geográfico, uma noção que se assenta sobre leituras espaciais. A geografia está, portanto, de uma forma muito subliminar, na base da construção da ideia, das relações e dos comportamentos baseados no princípio de classificação racial (SANTOS, 2010, p. 145).

Logo, perante a não existência de diferenças biológicas significativas, o conceito raça passa a ser um dos instrumentos de dominação colonizatório e da construção de um discurso de hierarquia etno-racial global. Nesse sentido, a raça refere-se a uma ancestralidade geográfica e contribui para a manutenção das relações de dominação em diferentes lugares do planeta, expressas por meio do racismo e das narrativas construídas por ele: “índio é preguiçoso”, “coisa de negro”, “índios não trabalham, não produzem e não precisam de terra”.

Entendendo a raça como uma construção social de dominação que hierarquiza os povos e regiões geoculturais do planeta, colocando no topo desta hierarquia os povos brancos europeus, isso diz muito sobre a origem da xenofobia que caminha juntamente com outros preconceitos, principalmente o racismo.

A mídia também veicula opiniões de parlamentares que se promovem em discursos aparentemente nacionalistas<sup>1</sup>, que na realidade são xenofóbos, por não apresentar fatos e estudos a respeito dos verdadeiros impactos desses migrantes na sociedade brasileira. UEBEL no seu trabalho relata o processo de desinformação provocado tanto pela mídia como pela sociedade.

É justamente por causa destes processos de desinformação e divulgação desenfreada de realidades não verificadas ou acentuadas por um motivo ou interesses desconhecidos, que levam em certa parte ao verificado pensamento xenofóbico (...) e de repulsa aos imigrantes haitianos e de origem africana (UEBEL, 2015, p. 145).

Roberto Uebel em seu trabalho analisa o processo de desinformação provocado tanto pela mídia como pela sociedade e como isso repercute na reprodução do pensamento xenofobo, reforçando o papel da educação para a

---

<sup>1</sup> O deputado Jair Bolsonaro afirma em entrevista em 17/09/2015: “Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas] é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando os sírios também. A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver”. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/>>

cidadania e, sendo um contraponto de um lugar comum dos discursos amplificadas pelas redes sociais e reproduzidos pela mídia.

Existe uma dimensão que deve ser refletida, que é a inserção dos filhos de imigrantes e refugiados nas escolas brasileiras e os desafios que isso pode representar, a ONG Escravo, nem pensar! atua no combate ao trabalho escravo e combatendo a xenofobia sofrida pelos estrangeiros, principalmente filhos de bolivianos, nas escolas de São Paulo através de atividades educacionais. Tive acesso a algumas leituras de cartilhas da ONG que tive como base para refletir inicialmente sobre a oficina que eu ia aplicar na escola.

Cabe ao ensino de Geografia um papel essencial na construção do entendimento entre os povos, sendo a Geografia na maioria das vezes a matéria escolar responsável por falar do espaço mundial e seus fenômenos, refletindo e criticando conceitos que ainda privilegiam a história contada pelos vencedores. Piotr Kropotkin<sup>2</sup> confirma o compromisso da Geografia em criar sentimentos mais dignos de humanidade que a xenofobia:

A geografia deve, além disso, oferecer um serviço muito mais importante. Deve nos ensinar, desde a nossa primeira infância, que somos todos irmãos, qualquer que seja nossa nacionalidade. Em tempo de guerras, de orgulho nacional e de ódio xenófobo, habilmente alimentados por pessoas que perseguem interesses egoístas, pessoais ou de classe, a geografia deve ser - na medida em que a escola possa fazer algo para contrabalançar hostilidades - um meio de dissipar esses preconceitos e de criar outros sentimentos mais dignos da humanidade (KROPOTKIN, 1885, p. 4) (tradução nossa).

Além disso, a Geografia escolar tem como importantes tópicos a globalização e a geopolítica, que visam entender a distribuição do espaço mundial como fruto das disputas de poder e tendo como motor a consolidação de uma economia globalizada, maneira pela qual países hegemônicos influem e atuam em outros territórios visando posições estratégicas, recursos naturais, vantagens locacionais e mercados consumidores. As ações coordenadas pelos países hegemônicos na regulação do poder na escala global levam à hierarquização dos países - do ponto de vista das migrações - e geram países de intensa atração de fluxos migratórios,

---

<sup>2</sup> Piotr Kropotkin foi um geógrafo, escritor e ativista político russo, um dos principais pensadores do anarquismo no fim do século XIX. O pensamento dele centra-se na noção de que somente educando-se intelectual e moralmente o povo conquistaria a liberdade e emancipação.

com possibilidades de emprego, estabilidade política e econômica, que normalmente têm políticas restritivas de migração; e outros de repulsão, caracterizados pela pobreza, guerras e instabilidade política. As políticas restritivas a migrações dos países com muitos fatores de atração aos migrantes são uma das explicações para o fluxo de migrações sul-sul.

Como pontuado acima, as migrações internacionais quase sempre podem ser entendidas por meio de conteúdos ensinados pela Geografia escolar. Além dos dois enfoques citados acima, a Geografia também traz para a escola o conteúdo de desastres naturais, sejam eles originados das mudanças climáticas, atividades tectônicas ou antropogênicos, que por sua vez, criam os refugiados ambientais.

Refugiados ambientais sempre existiram na história da humanidade, uma vez que condições ambientais adversas, a busca por alimentos e por um melhor padrão de vida fazem parte do instinto de sobrevivência dos seres vivos. Ocorre, porém, que as últimas décadas do século XX e este início do século XXI têm presenciado um aumento vertiginoso de migrações humanas motivadas por fatores ambientais, especialmente em razão da mudança e variabilidade climáticas abruptas (CLARO, 2013, p. 33).

Hoje, a crise migratória internacional é um dos principais problemas humanitários vividos, e retrata um movimento que é, na verdade, uma reação à desorganização dos territórios provocada pelo colonialismo, imperialismo e disputas geopolíticas entre potências que têm como palco países distantes de seus próprios territórios. Os fluxos migratórios sul-norte servem como plataforma política de discursos xenófobos em países da Europa e Estados Unidos; e acabam levando ao despertar de um pensamento extremamente conservador que, devido a casos isolados, buscam legitimar discursos de ódio quanto à raça e religião.

A inserção dos novos migrantes na sociedade brasileira é lenta e problemática por uma série de motivos, fica evidente a questão racial entendendo que imigrantes brancos europeus não sofrem com xenofobia no Brasil, e sim o contrário, existe uma supervalorização dessas pessoas como uma manifestação da colonialidade. Assim que o racismo sofrido pelos imigrantes é acentuado pela questão da identidade nacional. O nacionalismo enquanto partilha da mesma história e cultura, e o orgulho disso, é um dos fatores que limitam as possibilidades de

integração dos imigrantes com os originários daquele país, como destaca Sayad no seu artigo Estado, Nação e Migração.

A exclusão política do imigrante funda as demais características constitutivas da sua condição (ou da sua definição): é porque o imigrante é um não-nacional que só é a título provisório e só tem como razão de ser a razão que lhe dá o trabalho que realiza e enquanto realiza. (...) Assim, a dupla exclusão política que se faz com o imigrante e o emigrante – exclusão de direito no caso do imigrante e exclusão de fato no caso do emigrante - equivale a uma rejeição, a uma negação do direito à vida, tanto da identidade civil (ou cívica) que contém em si a identidade pessoal que é um dos seus efeitos (SAYAD, 1984 p.104 e 105) (tradução nossa).

Os imigrantes não compartilham a mesma identidade nacional e a sua presença no país não é entendida como permanente, afastando a possibilidade da constituição de uma identidade nacional heterogênea, que tenha como base a riqueza da diversidade dos povos que a constituem.

#### 4. MIGRANTES E REFUGIADOS EM PORTO ALEGRE

O Brasil é um grande país em muitos sentidos. É o quinto país mais populoso do mundo, com 208 milhões e 415 mil pessoas e destes habitantes, aproximadamente 0,3% são imigrantes, parcela pequena em comparação ao total de habitantes. Conforme o Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2017, o Brasil é a 8ª economia do mundo.

Conforme dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) de 2016 para o mundo, em média a cada 113 pessoas, uma é refugiada. O Brasil conta somente com 0,013% dos 65,3 milhões de refugiados do mundo, isso se dá pela distância física de zonas de conflitos armados maiores. De acordo com os dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), do Ministério da Justiça e Segurança Pública, em 2016 houve aumento de 12% no número total de refugiados reconhecidos no país.

O conceito tradicional de refugiados estabelecido pela convenção de Genebra de 1951 era voltava-se à realidade europeia do pós-guerra, e estabelecia que “refugiados estão fora do seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados à sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política”, portanto provar o temor de perseguição se tornava central. Os países latino-americanos vivem outra realidade e estabelecem, na declaração de Cartagena, em 1984, outra definição mais ampla sobre a situação de refúgio. O Brasil formaliza isto através do Estatuto do Refugiado de 1997.

O Brasil adota um conceito ampliado para o reconhecimento de refugiados através da Lei 9.474/97, e atualiza essa questão através da Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017 que diminui a burocracia envolvida, estabelecendo princípios claros de defesa dos direitos humanos nas suas diretrizes. O Artigo 14, que rege o visto temporário, estabelece no seu inciso terceiro que o visto temporário para acolhida humanitária “poderá ser concedido ao apátrida ou ao nacional de qualquer país em situação de grave ou iminente instabilidade institucional, de conflito armado, de calamidade de grande proporção, de desastre ambiental ou de grave violação de direitos humanos ou de direito internacional humanitário” reiterando a característica predominante do governo brasileiro no que refere às políticas migratórias, ainda que sob crítica de políticos conservadores.

Para além do conceito estabelecido pela Convenção de 1951, a legislação brasileira também reconhece como refugiado todas as pessoas que buscam segurança diante de situações de grave e generalizada violação de direitos humanos, assim como de circunstâncias que representam uma grave perturbação da ordem pública (ACNUR, 2016, p. 16).

Segundo a ACNUR, em setembro de 2016, o país registrava uma população de aproximadamente 9.000 refugiados reconhecidos, provenientes de 79 países diferentes. Os refugiados normalmente se estabelecem em cidades próximas aos grandes centros urbanos. Formalmente, o refugiado tem os mesmos direitos que qualquer cidadão estrangeiro, podendo obter documentos, estudar e trabalhar.

Uma das situações recentes que motivaram mais deslocamentos rumo ao Brasil ocorreu no início da década. Lamentavelmente, o terremoto que atingiu o Haiti em 2010 devastou a cidade de Porto Príncipe e levou à morte de mais de 100 mil pessoas, conforme o ministro do interior do Haiti. A situação tornou a cidade inabitável e dificultou a permanência no país, acarretando na emigração para outros países e, em 2012, se intensificam os fluxos migratórios de haitianos para o Brasil, chegando a 2015 com 48.371 pedidos de refúgio ao governo brasileiro.

O percurso para chegar ao Brasil ocorre de diversas maneiras e tem sido cada vez mais por meios legais, porém recentemente em 2015, os haitianos ainda utilizavam muito o percurso ilegal intermediado pelos coiotes. Segundo Fernandes, “em média, os haitianos gastaram USD 2.912,72 no trajeto, mas há indicações de gastos mais elevados que chegam a ultrapassar mais de USD 5.000,00” (2014, p. 51). Um dos trajetos mais comuns é saindo de Porto Príncipe ou da República Dominicana, a chegada ao Equador ou Peru – que não exigem visto para entrada - e o traslado terrestre até a tríplice fronteira brasileira entre a Bolívia, Peru e o estado do Acre, no Brasil, entrando na cidade de Brasília.

A foto abaixo foi tirada por mim em 2015, quando retornava de uma viagem ao Brasil por via terrestre, cruzando a fronteira entre Peru e Brasil em Iñapari – Assis Brasil. No caminho para Rio Branco me deparei com a cheia do Rio Acre que inundou a ponte da cidade de Brasília, fazendo com que o caminho possível fosse a travessia da cidade por meio de pequenas canoas motorizadas, e à beira do rio havia mais de 40 haitianos aguardando para fazer a mesma travessia. Chamou-me

atenção a quantidade de haitianos naquela situação, eles não falavam português, fato que limitou a nossa comunicação, porém o empenho deles em subir às embarcações era significativo, caminhando por dentro d'água para alcançar os primeiros lugares, fato que me obrigou a fazer o mesmo para conseguir o cruzar o rio antes do anoitecer.



Figura 1- Foto de migrantes cruzando o rio em Brasileia.

Fonte: Samuel Bastos Bracagioli, 2015.

Ao chegar às fronteiras por via terrestre e solicitar refúgio, eles não podem ser deportados até a análise da solicitação pelas autoridades brasileiras, o que acaba por facilitar o ingresso. A instituição do visto humanitário para a entrada de haitianos fez com que muitas viessem por via aérea, tendo em vista de que os haitianos que chegam ao Brasil têm poder aquisitivo, pois tem condições pagar o transporte, seja a passagem de avião ou o traslado dos coiotes.

Em uma rápida leitura do conceito ampliado de situação de refúgio, claramente a situação dos haitianos se encaixaria. Porém, a opção do governo foi criar uma categoria específica: o visto humanitário. Ele começou a ser aplicado para

os haitianos em 2012, e em 2013 foram incluídos os sírios na mesma condição. Essa categoria, criada para atender solicitantes de refúgio sem fundado temor de perseguição, é alvo de críticas porque pode ser revogada a qualquer momento e pode deixar os refugiados completamente desassistidos, com ou sem condições viáveis de retornar a seu país de origem.

Conforme o Departamento de Polícia Federal, até 20 de março de 2016, a maioria dos solicitantes de refúgio era do Haiti, com 48.371 solicitações, seguido do Senegal com 7.206, Síria com 3.460 e Bangladesh com 3.287, havendo também significativas solicitações de migrantes da Nigéria, Angola, Congo, Gana, Líbano e Venezuela.

O mapa na figura 2 é representativo das migrações sul-sul – fluxos relativamente novos - e são reflexos de várias realidades que coexistem, com destaque para a Venezuela que, com 33%, é o país com mais solicitação de refúgios pela atual crise político-econômica. Ressalte-se que esse mapa representa somente as solicitações de refúgio, sendo que existem outras categorias em que são enquadrados os imigrantes, como por exemplo, o visto humanitário.

A questão essencial à manutenção da vida para os migrantes é a inserção no mercado de trabalho. Transpor essa barreira muitas vezes se torna mais difícil devido à diferença de idioma, à xenofobia e ao racismo. Existe a tendência de que os imigrantes com maior fluência em português tenham maior facilidade na inserção no mercado de trabalho formal, os restantes muitas vezes atuam em empregos informais, como a venda de produtos eletrônicos como carregadores, fones de ouvido e caixas de som de marcas desconhecidas.

Conforme dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA) “no primeiro semestre de 2017, a movimentação de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro mostrou resultados diferentes dos analisados no ano anterior. (...) Nos 6 meses o balanço entre admissões e demissões foi positivo.” (2017, p. 120) O estudo realizado demonstra uma maior inserção dos imigrantes em geral no mercado de trabalho formal, principalmente dos haitianos, que são a principal nacionalidade no mercado formal de trabalho, com 50% das contratações.

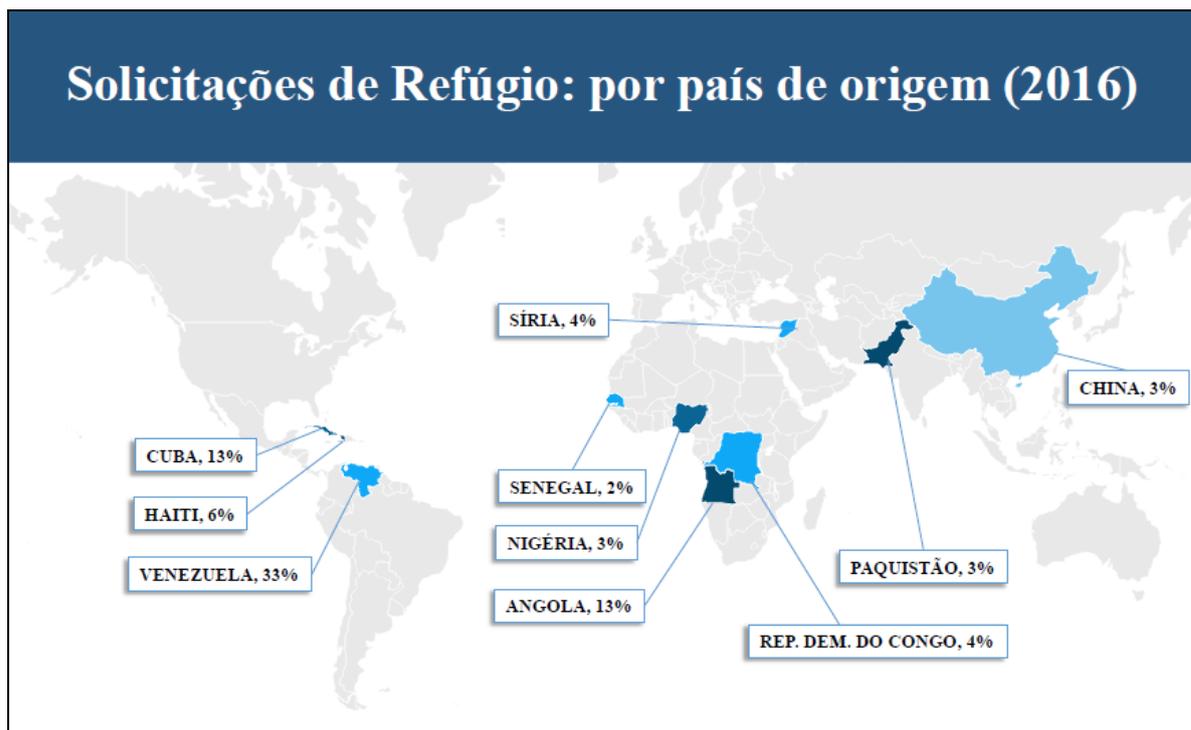


Figura 2- Mapa das Solicitação de Refúgio por país de origem.

Fonte: Departamento de Polícia Federal, 2016.

A situação no Rio Grande do Sul segue a tendência nacional, que no mesmo período teve 3.690 admissões e 2.687 demissões, apresentando o saldo positivo de 1.003. Esses dados ocultam a situação problemática de se tratar de uma mão-de-obra muitas vezes qualificada ocupando vagas de trabalho inferiores à sua qualificação. Na figura 3 vemos um quadro que mostra em que tipo e quantidade de trabalho os estrangeiros estão ocupados hoje no Brasil.

Importante ressaltar a situação privilegiada em que se encontram os imigrantes inseridos no mercado de trabalho formal em relação aos subempregados e aos desempregados, pois como ressaltava Abdelmalek Sayad, a condição de imigrante é vista por grande parte da sociedade como atrelada necessariamente ao trabalho, e aos imigrantes desempregados resta a repulsa.

Ocupação	2017		
	Admitidos	Demitidos	Saldo
<b>Total</b>	<b>Total</b>	<b>Total</b>	<b>Total</b>
Alimentador de Linha de Produção	1.660	1.660	1.660
Servente de Obras	1.456	1.456	1.456
Faxineiro	1.301	1.301	1.301
Magarefe	1.272	1.272	1.272
Auxiliar nos Serviços de Alimentação	679	679	679
Cozinheiro Geral	612	562	562
Pedreiro	484	484	484
Vendedor de Comércio Varejista	454	454	454
Atendente de Lanchonete	388	388	388
Trabalhador Volante da Agricultura	381	300	81
Outros	13.547	13.547	13.547

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED, 1º semestre/2017.

Figura 3 – Quadro das principais ocupações de estrangeiros no Brasil em 2017.

Fonte: OBMIGRA, 2017, p. 125.

Sayad - sociólogo e imigrante argelino na França - analisa assim essa situação, com base na sociedade francesa:

Desempregado no meio de tantos outros, o imigrante desempregado é diferente de outros desempregados (estes, franceses), porque ninguém deixa, à sua volta, de fazer com que ele sinta que “não tem mais lugar”, que “está a mais”, que “ele é aquele de quem não se precisa mais, mas que ainda está aí” (...) lugar onde se objetiva plenamente a verdade da condição de trabalhador imigrante, desperta nele uma espécie de sentimento de culpa, o sentimento que ele tem de sua inconveniência social, da ilegitimidade de sua presença. (SAYAD, 1979, p. 53).

Discorrer especificamente sobre os novos migrantes é complexo. Trata-se de um fenômeno muito recente, que tem se modificado de maneira extremamente dinâmica. Cabe citar o terremoto em Porto Príncipe em 2010, que deu início ao fluxo migratório Haiti-Brasil, que iniciou timidamente e se intensificou com o passar dos anos, chegando ao seu auge em 2015. Conforme dissertação defendida por Fernando Diehl, os fatores que destacam a escolha do Brasil pelos haitianos são a avaliação positiva que se tinha do Brasil na economia internacional, além da visibilidade da presença militar brasileira na Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (2017, p. 86).

Apesar da maioria dos haitianos terem entrado no país pela região Norte – devido à facilidade de acesso a países que não exigem visto - grande parte não se estabeleceu nessa região, deslocando-se internamente para o Sul e Sudeste do Brasil por via terrestre, demorando quatro dias do Acre a São Paulo. Fernando Diehl, em sua dissertação, destaca o movimento de empresários da região Sul que viajavam a Tabatinga e Brasília para contratar imigrantes, ocasionando a vinda progressiva de imigrantes para os três estados. Em suas redes de contatos, informavam outros imigrantes que na região sul e sudeste havia muitas oportunidades de emprego, o que direcionava estes imigrantes a irem até estas regiões. (DIEHL, 2017, p. 95)

Os migrantes senegaleses são, em sua maioria, do gênero masculino, jovens, negros e muçulmanos. Alguns deles estavam na Argentina desde a década passada e, devido à recessão econômica no país vizinho, migraram novamente chegando ao Brasil pela fronteira Sul. Os fatores que facilitaram seu estabelecimento foram a proximidade com a Argentina e a demanda de mão-de-obra de baixa qualificação de diversos tipos, com destaque para o polo industrial de Caxias do Sul e para a indústria avícola. Esta última necessita de trabalhadores muçulmanos para realizar o abate de animais dentro do ritual halal<sup>3</sup> para exportação a países islâmicos.

Deste modo, a presença dos haitianos no Rio Grande do Sul é justificada exclusivamente pela oportunidade de emprego em posições não mais desejadas pelos próprios gaúchos, uma tendência natural de um estado que passa pelo processo de assimilação de sua característica atrativa de imigrantes (...). Ressalta-se novamente que estes imigrantes não competem pelos mesmos postos de trabalho com os habitantes locais, muito embora o senso comum pondere o contrário (UEBEL, 2015, p. 160)

Muito embora a afirmação acima se refira aos haitianos, aplica-se também à situação em que se encontram os senegaleses no Rio Grande do Sul, sendo essas duas nacionalidades as predominantes das novas migrações encontradas no estado e referindo-se ao tipo de trabalhos que ocupam esses migrantes que, não sendo postos de trabalho disputados pelos brasileiros no estado, acabam atraindo esses

---

<sup>3</sup> Ritual de abate muçulmano: apenas os alimentos halal são permitidos para o consumo dos muçulmanos, que são os obtidos de acordo com os preceitos e as normas ditadas pelo Alcorão Sagrado e pela Jurisprudência Islâmica. Animais como os bovinos, caprinos, ovinos, frangos podem ser considerados halal, desde que sejam abatidos segundo os Rituais Islâmicos.

fluxos para essa região. Até 2014, as cidades que mais concentravam migrantes haitianos no Rio Grande do Sul eram Caxias do Sul e Bento Gonçalves, que juntas absorviam mais de 50% de toda imigração haitiana no estado (UEBEL, 2015, p. 165).

Os principais polos de atração no Rio Grande do Sul são cidades do interior, com destaque para a região da Serra, devido ao menor custo de vida associado à demanda de mão-de-obra não qualificada no setor agroindustrial e industrial. No entanto, a cidade de Porto Alegre, enquanto capital e metrópole, exerce centralidade devido à concentração de comércio e serviços, sendo uma das cidades escolhidas pelos migrantes para residir.

A presença considerável de migrantes em Porto Alegre se deve também a que alguns indivíduos trabalham em outras cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), porém, dormem na capital pela existência de abrigos e redes de apoio. As atividades profissionais em que os haitianos se destacam na RMPA são na prestação de serviços, onde muitos trabalham em supermercados e no setor industrial, em municípios como Gravataí, Canoas, Montenegro, São Leopoldo e Igrejinha (UEBEL, 2015, p. 165).

Os senegaleses, até 2014, se concentravam principalmente em Caxias do Sul e Passo Fundo, e apresentam uma atuação laboral parecida à dos haitianos, com a diferença de atuarem bastante no comércio informal de produtos como eletrônicos, relógios, bijuterias, acessórios e etc. A respeito do fator de atração dos senegaleses com o Rio Grande do Sul, não existe alguma perseguição política ou guerra, e sim, a busca de melhores condições econômicas, podendo receber até dez vezes mais do que recebiam no Senegal (UEBEL, 2015, p. 183). Atualmente, em 2018, nota-se a presença senegalesa cada vez mais numerosa no estado e em Porto Alegre devido às gerações seguintes de migrantes que encontram referência com os primeiros indivíduos que vieram se estabelecer no Rio Grande do Sul. Uma evidência dessa presença é a constituição da Associação de Senegaleses de Porto Alegre, que organiza reuniões, assembleias, manifestações, festas, eventos culturais, além da publicação de notas a respeito de posições dos senegaleses em página no facebook com 2.600 curtidas.

## 5. AS MIGRAÇÕES NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO

Os alunos de Ensino Médio - quando em idade regular - estão na faixa etária de 15 a 18 anos. Essa é uma idade em que estão em vias de formar opiniões sobre diversos assuntos que dizem respeito à sua participação ativa na sociedade, posicionamentos políticos e sociais. A etapa de transição da adolescência para a idade adulta é adequada para entender a discussão em torno dos direitos humanos e incentivar a própria humanidade dos alunos, são valores que devem ser construídos em casa e na escola. Cabe à sociedade, em especial à escola, incentivar o pensamento crítico e trabalhar para a formação cidadã destes jovens nesse momento importante de amadurecimento, e trabalhar para a construção de reflexões baseadas em princípios como a solidariedade e democracia, não dando abertura para discursos de ódio contra minorias.

A Matriz de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) formulada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) tem, como uma de suas bases, a teoria das competências de Philippe Perrenoud. Esse sociólogo suíço define competência como: “uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem se limitar a eles”.

Esclarecendo: uma competência é formada por um conjunto de habilidades. Por exemplo, jogar futebol (competência) implica em ter um conjunto de habilidades: posicionar-se em campo, cabecear, chutar a gol e passar a bola. Portanto, a Matriz de Referência do ENEM propõe um conhecimento que é mais do que uma memorização vazia, busca trazer sentido e aplicação para o conjunto de saberes de forma a desenvolvermos uma competência. A figura 4 ilustra esse raciocínio.

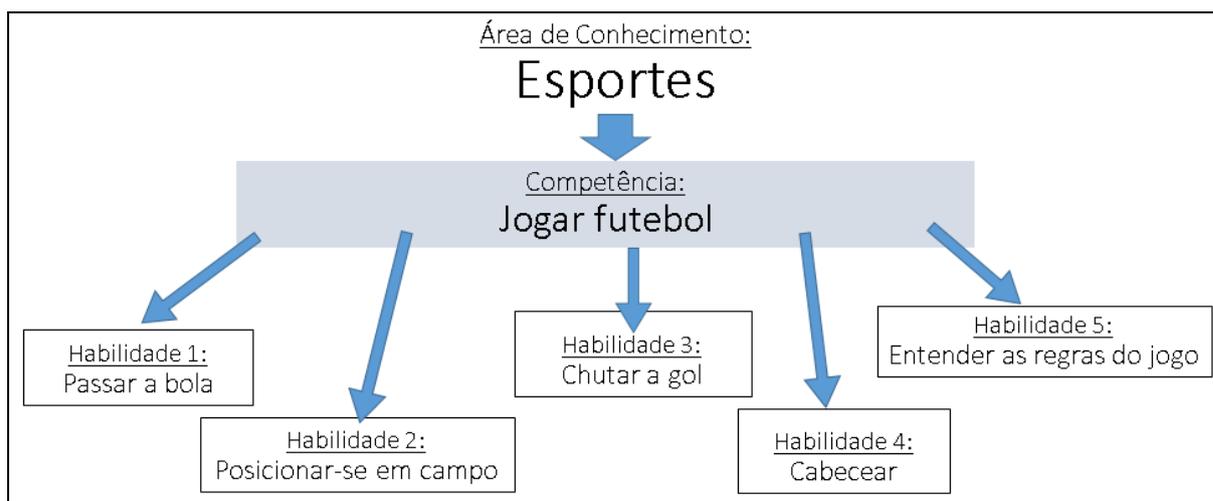


Figura 4– Esquema exemplificando a relação entre habilidades e competências.

Fonte: Elaboração de Samuel Bastos Bracagioli, 2017.

Dentro disto, existem algumas habilidades e competências que tem relação direta com o que buscamos ao levar a discussão das migrações internacionais para a sala de aula. Dentro da Área de Conhecimento de ‘Ciências Humanas e suas tecnologias’, a segunda competência é “Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder”, competência que é composta pelas habilidades 7 e 8, que são respectivamente “Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações” e “Analisar a ação dos estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social”. O esquema abaixo apresenta a inserção das migrações na Matriz de Referência (figura 5).

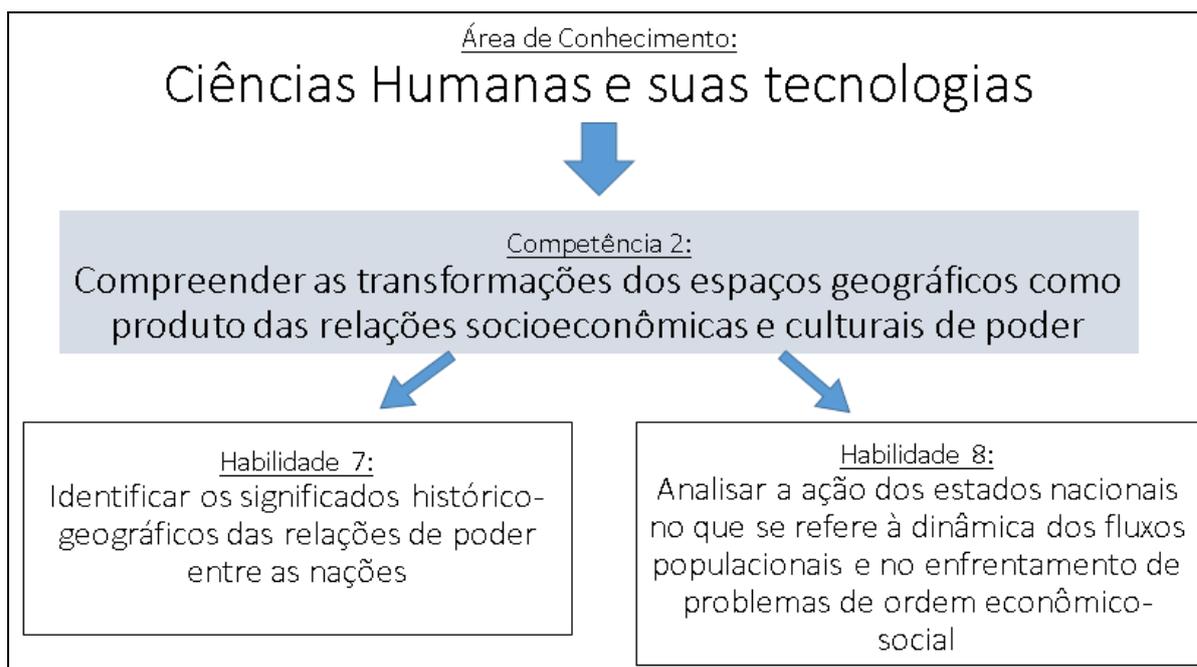


Figura 5- Esquema com as competências e habilidades ligadas ao estudo de migrações em Ciências Humanas.

Fonte: Elaboração de Samuel Bracagioli, a partir da Matriz Referência ENEM, 2017.

Superar preconceitos nacionalistas inicia pela compreensão dessas habilidades, que nos mostram a construção das diferenças abismais entre as nações, não enquanto fruto simplesmente do acaso ou da natureza, e sim da imposição do colonialismo e imperialismo, e posteriormente por políticas econômicas liberais que levaram os países do sul do mundo a ter uma relação cada vez maior de dependência econômica, que acarreta uma dependência política. Assim, isso contribui na compreensão de alguns motivos da maior parte dos fluxos migratórios. Ainda dentro das Ciências Humanas, a quinta competência também se mostra bem relevante para este objetivo “Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade”. Essa competência mostra como o conhecimento da história contribui para a formação de fundamentos que orientam a nossa consciência cidadã e como isso serve como base para não repetirmos a história.

Perrenoud ressalta a importância da qualificação de professores para mediar a construção de habilidades e competências na escola: “Mas esta, para ganhar eficácia, precisa ser confiada a professores cada vez mais qualificados, com ampla cultura na área das ciências humanas, forte orientação para as práticas reflexivas e capacidade de inovação”. A noção de que a educação avança com o passar do tempo se percebe errada, no momento em que nos deparamos com uma sala de aula semelhante à de 200 anos atrás, e seguimos patinando, muitas vezes abordando conteúdos que possivelmente serão úteis somente para a aprovação em um teste escolar ou vestibular, e não se conectam a outros saberes para fazer sentido e explicar algum aspecto da nossa realidade.

A escola, daqui a 25 anos, pode ser ainda menos igualitária e ainda menos eficaz que hoje, se não fizermos nada para enfrentar e resolver seus problemas com nossas próprias mãos. Uma vontade política forte e duradoura pesará mais do que a fé no progresso (PERRENOUD, 2003, p. 1).

No trecho acima, Perrenoud destaca a importância da vontade política de construir essa escola, e eu complementaria que essa luta deve partir dos professores, que vivem a educação no seu dia-a-dia e que, muitas vezes, pela sobrecarga e desvalorização, não conseguem ver de fora o processo escolar ou refletir sobre a aprendizagem. A alienação desses professores de uma visão completa do processo ensino-aprendizagem parece ser proposital, deixando a responsabilidade destas reformas educacionais a cargo dos gestores públicos, que realizam reformas completamente inadequadas, ou adequadas para a formação de mão-de-obra barata e pouco crítica.

## 6. PROPOSTA DA OFICINA

Realizar uma oficina sobre os temas abordados acima visa contribuir na construção de um pensamento humanizado e situado a respeito dos fenômenos migratórios internacionais, que acontecem no espaço que compartilhamos, o espaço vivido da cidade de Porto Alegre. Principalmente, buscamos promover o sentimento de empatia com os imigrantes, partindo de um referencial de Geografia contra xenofobia. Cremos que assim torna-se possível entender em que contexto essas pessoas vieram ao Brasil no mundo globalizado que vivemos.

O público alvo da oficina é compatível com as disposições sobre o Ensino Médio na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que prevê, no Inciso 3 do Artigo 35, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. A atividade visa trabalhar a formação ética e a humanidade no entendimento da realidade social dos migrantes com quem compartilham o espaço da cidade. A faixa etária, de 15 a 18 anos, regular para o Ensino Médio também é adequada, propiciando a maturidade para refletir e discutir sobre questões políticas e de cidadania.

A oficina foi planejada para ser realizada em dois períodos (1h30min). Caberia uma reflexão mais extensa sobre o tema, porém a ideia é desencadear um processo de reflexão, uma mudança de olhar sobre o assunto. A atividade inicia com uma apresentação pessoal e do assunto, o que desperta o interesse no tema, levando em conta que a ciência não é só algo frio e calculado mas também diz respeito às nossas paixões. Porque me tocam as migrações? Porque as pessoas migram? O que é uma casa? São perguntas que podem guiar o primeiro momento, caracterizado pela interação entre ministrante e alunos. Nessa primeira parte, mais importante do que uma aula em si, conceitos e conteúdo, é o entendimento desses fluxos migratórios como processo complexo que muitas vezes é a única opção desses imigrantes.

O segundo momento deve ser de sensibilização, o ponto de vista dos migrantes deve estar colocado nessa parte da oficina. Diante das possibilidades, o mais rico seria uma roda de conversa com algum representante dessa nova leva de migrantes, que poderia contar a sua história pessoal, o que o levou a sair de seu

país, por que veio para o Brasil e como se sente aqui. Escutar e estar aberto a entender as experiências que essas pessoas estão vivendo no nosso país pode potencializar a nossa empatia e o entendimento das milhares de trajetórias pessoais, que são resumidas diariamente pelo nosso desconhecimento, proposital ou não, da temática.

Viabilizar a vinda de um imigrante pode ser difícil, então elaborei planos alternativos, baseados na exibição de dois vídeos. Um deles é o mini documentário da agência de mídia independente Anú - Laboratório de Jornalismo Social, que se chama “Quem vem de lá” e que entrevista imigrantes e refugiados que vivem no Sul do Brasil por diferentes razões. A sinopse encontrada no site da própria Anú, define precisamente o panorama de trajetórias que se pretende que os estudantes vejam e reflitam:

Histórias de fugas, desastres, guerras e lutas. Assim estão marcadas muitas das vidas de pessoas que vêm buscar refúgio em solo brasileiro. Porém, ali estão mais do que marcas como estas. Tais narrativas não são só de dor: são de humanidade. São de famílias, paixões, laços, saudades, derrotas e vitórias. Principalmente, de recomeços. Para compreendê-las, acreditamos que é necessário ir muito mais além do estigma de uma palavra, seja ela qual for: refugiadas, estrangeiras, deslocadas. Haitianas, colombianas, afegãs. Como é viver aqui? Por quê saíram de seu lugar? O quê é que a esperança lhe diz sobre seus futuros? Pedimos que nos contassem um pouco de suas vidas para que elas possam, também, fazer parte da nossa. Da vida da cidade, do país, de nosso povo. Que deixem de ser somente aquelas e façam parte do nós (ANÚ, 2017).

Além do minidocumentário citado acima, selecionei um vídeo curto que aborda a questão dos estereótipos construídos pelos meios de comunicação hegemônicos. Como as novas imigrações brasileiras são de países do sul global e a grande maioria desses imigrantes são negros ou pardos, tornam-se vítimas do racismo estrutural comum no Brasil, acrescido da xenofobia da qual não sofrem imigrantes brancos europeus, portanto é necessário compreender estes estigmas para superá-los. O vídeo retrata o que é ser um homem africano do ponto de vista de Hollywood e o que realmente é ser um homem africano. Nos 5 minutos de vídeo, três jovens sul africanos falam sobre como normalmente são representados os africanos: em guerras, com gosto pela violência e raivosos, falas que são intercaladas com trechos de filmes que reforçam isso. Como desfecho, o vídeo

mostra a realidade desses três jovens estudantes universitários e deixa a mensagem: “Construa um futuro, não um estereótipo. Educação nos dá voz, assegure-a. Pare com a pena, libere o potencial”. O vídeo foi produzido pela ONG Mama Hope, que atua em cinco países africanos, dois países americanos e na Índia.

Na sequência da sensibilização, deve ser feita a discussão e esclarecimentos. Antes da exibição dos vídeos pediremos aos alunos que elaborem uma pergunta sobre os vídeos. A ideia é prender a atenção e alimentar a discussão pós-exibição.

No caso da roda de conversa com um imigrante, o tempo será dividido em uma apresentação inicial livre, conforme o convidado preferir, e depois será aberta a discussão com perguntas. Nesse momento, devem surgir questões sobre os fatores que levaram-nos a sair dos países de origem e os motivos pelo qual escolheram o Brasil, mas também surpresas, como pude constatar com uma conversa com um amigo senegalês, Ibrahim, que contou-me que gostava do Brasil, porém o problema é que era muito violento. A afirmação dele mostrou a história única<sup>4</sup> que eu tinha do Senegal, pois do pouco que eu sei do país, imaginei que fosse mais violento que o Brasil, inibindo possibilidades de que outras histórias fossem imaginadas por mim, dando continuidade àquela associação equivocada entre África, sofrimento e guerras.

Num terceiro momento, em que espera-se que os alunos já tenham sido tocados pelo tema que carrega milhares de trajetórias e de histórias, deve acontecer uma dinâmica em que um mapa-múndi será aberto sobre algumas mesas e os alunos se sentarão em volta do mapa (dependendo da quantidade de alunos, pode-se recorrer a vários mapas), e serão distribuídos aleatoriamente cartões com histórias de migrantes, relatando a sua experiência e a realidade encontrada no local de origem e destino, porém sem revelar os países. Cada aluno deve ler sobre a história do migrante que está naquele cartão e tentar adivinhar o país de origem e de destino. Baseado nos principais fluxos migratórios, comentamos sobre a realidade social de alguns países, sendo solicitado aos alunos que falem sobre as impressões que tiveram nas histórias que leram.

---

<sup>4</sup> A escritora nigeriana Chimamanda Adichie popularizou o conceito de “história única” (ing: single story) através da palestra TEDx em que fala sobre o perigo da história única e como a simplificação e estigmatização da história de lugares tem sido uma maneira de expropriar e dominar.

Neste momento, comentando sobre as trajetórias, proponho uma discussão sobre as migrações que compõem cada um de nós e como isso é dinâmico e rico. Afinal, teus antepassados vieram de onde? Essa dinâmica deve terminar com a proposta da escrita de um texto ou desenho sobre a discussão.

O fechamento da oficina deve remeter novamente à escala local, pois pensar a origem da cidade que residimos (espaço vivido) é inevitavelmente remeter às migrações de todos os tipos: migrações forçadas africanas, nomadismo guarani, colonização, êxodo rural, migrantes europeus e os mais recentes novos migrantes. Dentre estes destacam os senegaleses e haitianos, que são recentes e em pouca quantidade, mas igualmente importantes, porque cada pessoa que migra para um lugar carrega sua cultura, que passa a compor a cultura do outro lugar, e isso na verdade é muito rico e não deve ser um motivo de preconceitos. É válido pontuar como surge o fenômeno das migrações sul-sul, que se deve principalmente a políticas migratórias menos restritivas, assim como relatar meu convívio com os migrantes do Centro de Porto Alegre, lembrando a trajetória de vida dessas pessoas, humanizar o discurso e comentar sobre como o governo brasileiro está lidando com esse novo fluxo migratório.

## 7. ANÁLISE DA OFICINA

Por razão de estar realizando estágio obrigatório no presente semestre, a tendência foi que eu realizasse a oficina na mesma escola – da qual fui aluno em 2011, aliás – pela conveniência de conhecer professores e direção, sabendo que seria difícil uma escola abrir as portas para uma oficina a essa altura do ano, segunda quinzena de dezembro. Portanto, consegui acertar na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Réus para realizar a oficina no dia 22 de dezembro. Tive que adaptar-me as possibilidades que me foram oferecidas: foram disponibilizados dois períodos não contínuos, porém na mesma manhã, em um terceiro ano. Isso não causou grande problema, porque a oficina estava dividida em dois momentos, o primeiro de introdução, sensibilização e discussão, e o segundo para realizar uma dinâmica e um fechamento.

A preparação da oficina envolveu a pesquisa de histórias reais de migrantes. Selecionei 11 histórias e adaptei os textos, ocultando as informações referentes aos países de origem e destino substituindo por “país x” e “país y”. A proposta de ocultar essas informações foi de criar empatia, fazer com que os alunos leiam a história e pensem que se estivessem na mesma situação também buscariam outro país para morar. As fichas podem ser encontradas no apêndice deste trabalho.

Entrei para ministrar a primeira parte da oficina às 8h20 e havia em torno de 25 alunos. Me apresentei como ex-aluno do colégio e falei sobre alguns professores que tivemos em comum, o que acredito que criou um vínculo. Perguntei o que eram migrações para eles, nós conceituamos conjuntamente anotando no quadro. Logo, perguntei que motivo faria eles sair de um país, fizemos uma lista de tópicos de “fatores de repulsão” em que constavam: desastres naturais, guerras, clima, pobreza, política (citaram nomes de políticos) e outros. Em outra coluna falamos dos “fatores de atração” guiados pela pergunta: que características deve ter o país que procuramos? Os alunos citaram: saúde, educação, empregos, não ter violência contra as mulheres. Nesse momento surgiram algumas questões, que lugar é esse? Vocês já pensaram em sair do Brasil? Para aonde? As respostas foram diversas, 70% dos alunos relataram que querem sair do Brasil e os países mais citados foram Austrália, Canadá e Cuba.

No próximo ponto comentamos das diversas histórias que podem existir e dos muitos diversos motivos de saída de um país e da escolha de outro país, e por isso íamos ver um vídeo de quatro histórias de vida de imigrantes que escolheram o Brasil como casa, no caso o minidocumentário “Quem vem de lá”, da Anú.

Devido ao tempo que esperamos para os alunos chegarem e ao tempo de organização do computador, caixas de som e projetor, no final do vídeo haviam 15 minutos restantes para o final da aula, tive que naquele momento optar por realizar a discussão ao invés de assistir o segundo vídeo, o que eu julgo mais importante. Eu abri a discussão destacando o fato em comum daquelas quatro pessoas terem escolhido morar em Porto Alegre, escolhendo a cidade que compartilhamos como casa.

Conforme combinado previamente, os alunos anotaram um comentário ou pergunta sobre o vídeo. As primeiras intervenções vieram de duas meninas que comentaram sobre como a xenofobia acrescida do machismo faz com que as mulheres sofram mais com essa situação, destacando o relato da mulher colombiana. Aproveito para comentar como, além do machismo, o racismo também potencializa o preconceito baseado nos relatos do haitiano e do senegalês.

Uma menina comentou que existe muita negligência por parte do governo, não existem políticas públicas para o acolhimento dos imigrantes e que existe uma xenofobia institucional, dando como exemplo a burocracia envolvida na validação de diplomas dos muitos migrantes que chegam aqui com formação acadêmica. Essa dificuldade faz com que os migrantes tenham que atuar em empregos de baixa qualificação e remuneração e não na sua área profissional.. Uma aluna comentou sobre um caso de um haitiano que socorreu uma senhora que passava mal no Trensurb, ele era enfermeiro de formação mas não atuava aqui no Brasil devido às limitações burocráticas para o exercício de sua profissão.

A discussão aconteceu somente com a participação feminina, que trouxe considerações muito boas e pertinentes, e um ponto importante debatido por elas foi o fato de o racismo e conservadorismo serem mais presentes na região sul do Brasil e em Porto Alegre, resultando nos diversos casos de xenofobia contra imigrantes negros que existem.

Uma das frases que mais me marcou, dita por uma aluna, foi: “eles vêm para cá por um motivo maior, que é apenas continuar vivo” demonstrando a compreensão humana e empática da situação de refúgio, e além disso ficou claro na fala de várias alunas a indignação com a falta de dignidade com que são tratados os imigrantes, reforçando esse argumento. Elas relataram notícias sobre situações de mão-de-obra análoga a escravidão, moradias precárias e o sadismo dos agentes do setor público<sup>5</sup> no tratamento aos migrantes.

Durante a primeira parte da oficina, o envolvimento de algumas alunas foi tanto que quando alguns meninos começaram a conversar, as próprias pediram silêncio e respeito à discussão. Uma das questões que surgiu foi a respeito do local de moradia deles, e eu relatei um pouco da Ocupação Progresso e do golpe sofrido pelos haitianos na compra dos terrenos e a instabilidade de habitar um local sujeito a remoção a qualquer momento (ALVES, 2017). No momento em que encerrou o período, ainda estávamos discutindo sobre esses temas, demonstrando o interesse em abordar essa temática.

No retorno da oficina no último período, tive que esperar de 10 a 15 minutos que os alunos retornassem, fazendo com que eu tivesse menos tempo para realizar a dinâmica, pois deveria explicar o funcionamento para toda a turma antes de iniciar. A primeira coisa que fiz quando os alunos chegaram foi perguntar se todos tinham sido escutados na discussão do primeiro período e se tinham ficado com alguma dúvida. Por fim, distribuí cartões com 11 diferentes trajetórias reais de migrantes e pedi que lessem em dupla ou individualmente, como alguns alunos saíram não foi necessário fazer trios. Foi pedido para que lessem e discutissem com o colega sobre o texto, se conseguiam se imaginar no lugar daquela pessoa, de que país pensam que ele saiu, para qual país imaginam que ele foi. O importante não era adivinhar a origem e o destino dos migrantes, talvez o fato de não adivinhar provocasse os alunos a se imaginarem no lugar dessas pessoas.

Com um mapa-mundi estendido sobre a mesa e a turma sentada em volta, dispus várias setas recortadas para representarmos esse fluxo sobre o mapa, e

---

<sup>5</sup> Relatando ocorrência da semana anterior ao natal de 2017, em que agentes da SMIC recolheram as mercadorias de senegaleses no centro de Porto Alegre. Ela disse que os agentes passavam rindo dos comerciantes correndo com seus produtos para não serem apreendidos.

cada pessoa ou dupla foi falando sobre a história do cartão que pegou, a sua percepção sobre isso e se tinha algum palpite sobre a origem e destino dessa pessoa. Após esse retorno, comentávamos um pouco e a pessoa colocava uma seta no mapa, identificando os países e, quiçá, dando algum sentido ao mapa-mundi do qual eles conheciam bem pouco, muitos diziam que não eram bons em Geografia pelo fato de não conseguirem localizar os países, eu disse que Geografia era muito mais que localizar os países no mapa-mundi.

Na figura abaixo reproduzi o resultado físico da atividade que visava tomar conhecimento de um pouco das redes de fluxos migratórios que conformam o espaço mundial, e como o nosso espaço vivido é pequeno em tamanho, mas reflete relações de poder estabelecidas na escala global.

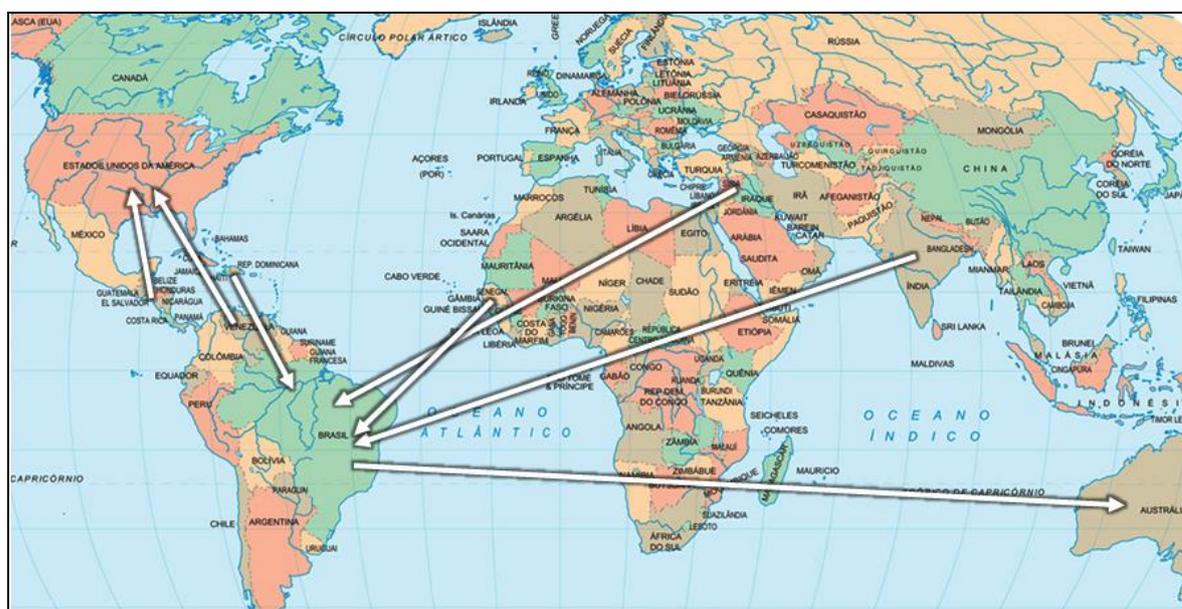


Figura 6- Mapa de Fluxos Migratórios elaborado na oficina

Fonte: Elaboração de Samuel Bastos Bracagioli, 2017.

O objetivo de trabalhar com essa figura não é de fazer uma síntese das migrações do mundo, mas sim, tentar localizar a distribuição de algumas migrações no espaço mundial, tenho certeza que alguns alunos não sabiam que o Haiti era na região do Caribe e tinham noções erradas da localização de algumas migrações que convivemos. A escolha das histórias que trabalhamos em aula não teve um critério preciso, porém escolhi algumas histórias de migrantes que ilustrassem as migrações que convivemos no espaço de Porto Alegre, como os senegaleses e haitianos.

A discussão foi bastante interessante, tivemos a oportunidade de comentar com mais calma sobre outros pontos e, mais especificamente, sobre a migração senegalesa e haitiana para o Brasil, e acredito que foi bem válido ter realizado a dinâmica, apesar de que o calor e o tempo dificultaram a realização. A aula encerrou com a dinâmica quase terminada, fizemos os últimos comentários e tive que liberá-los, pois já era o sexto período. Apesar de não conseguirmos fazer o fechamento, durante a dinâmica, comentamos alguns pontos que eu tinha planejado falar nesse último momento.

A proposta foi bastante educativa e teve um bom envolvimento dos alunos. Eu tenho que repensar a questão do tempo, o fato de ter dois períodos separados fez com que se dispersassem, e o intervalo até que os alunos se deslocassem até a sala de aula (nos dois períodos), acabou prejudicando o pouco tempo que tinha para realizar a atividade.

Por fim, acredito que foi possível apresentar e sensibilizar os alunos sobre as questões das migrações, ainda que muitos pareciam já ter um entendimento bastante maduro a respeito da questão. Observei as reações dos alunos durante a exibição do vídeo e pude concluir que a partir das colocações deles na discussão pós-exibição e durante a dinâmica que de uma forma ou outra, o tema havia tocado eles, apesar de muitos não terem se manifestado, nesse caso, não tinha nenhuma ferramenta para saber se eles tinham sido sensibilizados pela atividade.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bonitas são as voltas que a vida dá e a esperança é sempre o motor da humanidade, por ela fazemos com que a utopia seja mais que uma palavra. Um dos motivos que me incitou a realizar esse trabalho foi a minha decepção com uma turma de 8º ano que reproduzia opiniões conservadoras e preconceituosas. Apesar disso, chego ao final dessa oficina extremamente feliz com a humanidade e inteligência presente nos alunos com que realizo a oficina.

Durante esse trabalho, levantei várias perguntas, e alertei no início que não tinha a pretensão de respondê-las definitivamente, pois o trabalho de um educador deve ser reflexivo acima de tudo, refletir sobre a sua própria prática e provocar a reflexão nos educandos. Por isso, não chego ao final desse trabalho satisfeito em encontrar as respostas, chego satisfeito por ter mais perguntas e ter provocado questionamentos em vários educandos durante a oficina e durante o estágio.

Ficou evidente a importância da Geografia escolar na construção de um entendimento situado e contextualizado das migrações internacionais frente à desinformação, que por sua vez, possibilita a xenofobia. A Geografia pode e deve abordar as migrações, servindo como base para compreender a organização do espaço mundial com a atual dinâmica que provoca grande parte dos novos fluxos migratórios.

O professor de Geografia deve sempre se questionar sobre o sentido e aplicação do conteúdo ensinado, tentando pautar-se pela realidade do aluno. Nesse sentido, deve buscar trabalhar com habilidades e competências, não somente conteúdos. Uma escola em que os alunos podem memorizar informações e alcançar uma boa nota em uma prova está cumprindo um propósito vazio. Portanto, a Matriz de Referência do ENEM nos dá possibilidades de trabalhar dentro de um processo: “identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações” pode ser o início de uma reflexão, pode ser o despertar para curiosidades a respeito do assunto. Temos que lembrar que trabalhamos com uma geração que tem amplo acesso à informação, cabe a nós dar sentido a essas informações.

O levantamento bibliográfico do presente trabalho exigiu paciência e adaptações pois, pelo objetivo ser abordar o mais recente fluxo migratório sul-sul,

que inicia mais intensamente a partir de 2015, a produção científica a respeito desse fenômeno é limitada e os dados são escassos. Portanto, o enfoque de ensino de Geografia abordando o tema de migrações internacionais contemporâneas é pouco encontrado.

Foram encontrados vários motivos e trajetórias que levaram pessoas de diferentes nacionalidades a migrar para o Brasil e estabelecerem-se em Porto Alegre. Destas nacionalidades que se estabeleceram em Porto Alegre, destacam-se os haitianos e senegaleses, que muitas vezes são referidos como a mesma coisa, apesar da distância geográfica, idioma, religião, fatores de repulsão e status migratórios diferentes.

Um fator que revelou-se bastante importante no processo de pesquisa foi que dentro do perfil dos novos imigrantes para o Brasil estão representantes de países do sul global e dentre estes, são muito comuns relatos de racismo, portanto a questão racial passa a ser central na discussão do trabalho. Na oficina, fiz a pergunta aos alunos: será que um imigrante branco e europeu sofreria a mesma xenofobia? A resposta deles foi não. E que o racismo e a xenofobia são preconceitos que se somam na repulsa aos migrantes do sul global.

Existe um descompasso entre os planos de aula que fazemos e as aulas que damos. Acredito que esse descompasso deva ir ficando cada vez menor à medida que vamos experienciando a sala de aula, porém ao mesmo tempo, acredito que os professores com o passar do tempo vão ficando mais céticos e tradicionais, além de planejarem menos cada aula. Pela pouca experiência de sala de aula que tive, pude concluir: educar é erro e acerto, às vezes muito mais erro que acerto, porém é muito importante criar expectativas para a aula e acreditar nos alunos, isso é a base para propormos algo diferente. Os professores que conseguem aproveitar a experiência e ao mesmo tempo serem criativos e acreditar nos alunos, não são muitos, mas são os melhores.

O amadurecimento advindo das reflexões desse trabalho mostrou como o trabalho do educador é sempre lutar contra o senso comum, e especialmente nesse caso das novas migrações internacionais, é um trabalho que se opõe ao papel que tem cumprido a mídia, que muitas vezes aborda com sensacionalismo e superficialidade esse tema.

Assim como essa proposta, pensei que esse trabalho deveria servir não só a mim, mas como uma tentativa de aplicação dessa oficina na realidade das escolas públicas brasileiras para ser compartilhada e servir como reflexão para outros professores. A oficina foi pensada por muitas cabeças durante a matéria de Laboratório de Ensino de Geografia e aplicada por mim, acredito que teve um papel bastante interessante no âmbito da empatia, era perceptível como quase todos os alunos tinham acesso a informação - principalmente da mídia - sobre o tema, mas acredito que muitos não tinham feito o exercício da alteridade, de imaginar-se no lugar do outro. Porém não estabeleci nenhum critério para avaliar o quanto atingi esse objetivo, somente a minha percepção pessoal das reações deles no dia da oficina.

Concluo esse trabalho com a sensação de que há muito para ser feito e que, nós educadores, temos muito trabalho pela frente e um trabalho que nos demanda muito idealismo. Pensar, refletir, planejar, atuar, tudo isso deve ser feito visando o mundo que queremos construir, esse trabalho se propõe a caminhar na direção de um mundo aonde caibam vários mundos.

## 9. REFERÊNCIAS

ACNUR, ONU. **Protegendo refugiados no Brasil e no Mundo**. Cartilha Digital, 2016. Disponível

em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Cartilha\\_Protegendo\\_Refugiados\\_No\\_Brasil\\_e\\_no\\_Mundo](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Cartilha_Protegendo_Refugiados_No_Brasil_e_no_Mundo)> Acesso em 15 de novembro de 2017.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. 2013. Disponível em:

<[https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-única-historia/?gclid=EAlalQobChMI5a7P7MiA2AIViAiRCh0FDQV4EAAYASAAEgKTVvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-única-historia/?gclid=EAlalQobChMI5a7P7MiA2AIViAiRCh0FDQV4EAAYASAAEgKTVvD_BwE)> Acesso em dezembro de 2017.

ALVES, Isabel Perez. **Os Haitianos na Ocupação Progresso: o direito à cidade, a imigração e a luta pela moradia em Porto Alegre**. UFRGS, Porto Alegre, 2017.

ANÚ, Jornalismo Social. **Quem vem de lá**. 2017. Disponível em:

<<http://anujornalismo.com/laboratorio/projeto-vozes/quem-vem-de-la/>> Acesso em dezembro de 2017.

BARBON, Julia. **Lei de Migração: o que muda nas regras para estrangeiros no Brasil**. São Paulo,

2017. Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1883696-lei-de-migracao-o-que-muda-nas-regras-para-estrangeiros-no-brasil.shtml>> Acesso em : 02/02/2018

CASA CIVIL. **Lei da Migração de 2017**. <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm)> Acesso em 02/01/2018

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; ARAUJO, D., TONHATI, T., **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual 2017. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2017. ISSN: 2448-1076 Disponível em: <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/relatorio-anual> Acesso em: 25/12/2017

CLARO, Carolina de Abreu Batista. **Refugiados ambientais: mudanças climáticas, migrações internacionais e governança global**. Brasília, 2012.

CONARE – Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Refúgio em números**. Cartilha

Digital, 2017. Disponível em: <[http://www.justica.gov.br/noticias/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017\\_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf](http://www.justica.gov.br/noticias/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf)> Acesso em novembro de 2017.

DIEHL, Fernando. **Estrangeiro em uma terra estranha: Racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) – Pós graduação em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre, 2017.

FERNANDES, Duval; DE CASTRO, Maria da Consolação Gomes. **A migração haitiana para o Brasil: Resultado da pesquisa no destino.** La migración haitiana hacia Brasil, p. 51, 2014.

FMI. “**World Economic Outlook database**” de 2015. Disponível em <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/01/weodata/download.aspx>> Acesso em 23/12/2017

IBGE. **Projeção da população brasileira para 2017.** Disponível em <<https://ww2.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>> Acesso em 23/12/2017

KROPOTKIN, Pêtr. **What Geography ought to be.** The Nineteenth Century. 1885.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Matrizes de Referência ENEM.** Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2012/matriz\\_referencia\\_ene\\_m.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_ene_m.pdf)> Acesso em novembro de 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **LDB – Leis de Diretrizes e Bases.** Lei nº 9.394. 1996. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lei9394.pdf>> Acesso em novembro de 2017.

MORAES, Ant. Carlos Robert. **Geografia: Pequena Historia Critica.** São Paulo: Hucitec, 1994.

PERRENOUD, P. **Construir as Competências desde a Escola.** Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999, 90 p.

PERRENOUD, Philippe. **O futuro da escola nos pertence.** Entrevista à Folha. São Paulo, 2003. Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u511.shtml>> Acesso em : 20/11/2017

SANTOS, Renato Emerson. **Ensino de Geografia e Currículo: questões a partir da lei 10.639.** Editora Terra Livre. São Paulo, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. **O que é um imigrante?.** Peuples méditerranéens. Paris, 1979.

SAYAD, Abdelmalek. (1984) **Estado, Nação e Migração.** Peuples méditerranéens. Paris, 1984.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI: redes, atores e cenário**

da imigração haitiana e senegalesa. 2015. 248 f. Dissertação (Mestrado) - Pós Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

## 10. APÊNDICE

Neste apêndice apresentarei exemplos das trajetórias que usei para a realização da atividade final da oficina e discussão.

### **TRAJETÓRIA VENEZUELA > ESTADOS UNIDOS**

Conforme caminhava com o seu filho de um ano nos braços no deserto entre “país X” e “país Y”, isto parecia interminável. Zunny Bracho tinha 20 anos quando enfrentou os perigos da fronteira aonde se calcula que morreram 6 mil pessoas desde o ano 2000 na sua tentativa de alcançar o “sonho do país Y”.

Aquele 22 de julho de 1995, a vida mudaria mãe e filho para sempre. Uma garrafa de dois litros com água e açúcar, uma lata pequena de leite em pó e algumas fraldas descartáveis eram toda a sua bagagem. Não sabia nadar. O pânico a tomava ao pensar que o rio Bravo, cruza 3 mil quilômetros que sorteiam os “molhados” no seu caminho ao “país Y”. Foram 6 horas de caminhada, em um trajeto de 45 quilômetros, que começou de noite para evitar as temperaturas do deserto. O resto da travessia foi de carro e avião.

### **TRAJETÓRIA HONDURAS > ESTADOS UNIDOS**

“O aumento da segurança e vigilância da fronteira significou que os migrantes “do lugar x” e “do lugar y” pagam mais dinheiro aos traficantes para cruzá-los indocumentados pelo Rio Grande; agora eles cobram até 2 mil e 500 dólares por criança e 4 mil por adulto.

Aqueles que não pagam o direito de atravessar esta fronteira e se atrevem a atravessá-la sozinhos são ameaçados, espancados, privados de sua liberdade e até mortos.

Nereo Rosas, de 17 anos de idade é um exemplo disso. Quando chegou à Casa del Migrante, estava decidido a atravessar o Rio Grande, então, junto com um outro migrante, desceu uma brecha e atravessou procurando a melhor rota.

Eles decidiram não pagar *pateros* e atravessar o rio sozinho. Quando eles estavam prestes a chegar a uma área de cruzamento, um grupo de homens armados os interceptou e pegou seus pertences, documentos e dinheiro.

"Era cerca de 9h da manhã quando decidimos atravessar o rio pela ponte do trem. É muito largo lá. De repente, alguns homens saíram, porque eles já nos comunicaram do centro da cidade ", ele explica, e ainda tem medo de lembrar."

## **TRAJETÓRIA ÍNDIA > BRASIL**

“Após a chegada de milhares de estrangeiros, as vagas de emprego no interior diminuíram. O senhor Prem Abhilash Kapil, 55 anos, sentiu na pele o efeito. Ele veio ao “país x” por indicação de amigos, mas passou cinco meses desempregado. Depois de muita insistência, há pouco mais de 30 dias foi admitido em uma obra da construtora Zagonel, onde vive em uma casa com outros três compatriotas. Está mais aliviado.

- O “país x” é bom para ganhar dinheiro. Estou feliz, meu único problema é a língua - diz Kapil, que tenta, muitas vezes em vão, se comunicar em inglês com a população.

Com a desaceleração da indústria, a expectativa dos setores produtivos é de que, em breve, os estrangeiros estarão trabalhando nas colheitas da maçã, do fumo e da uva. São setores em que a mão de obra também é escassa. Sem as alternativas de colocação no emprego, o risco é criar uma disputa entre os nativos e imigrantes, o que já mostrou efeitos nefastos em outros países, como as escaladas de xenofobia na Europa.”

## **TRAJETÓRIA HAITI > BRASIL**

Nascido na capital, Louis diz que o racismo é algo que sempre acontece. Aqui no “país y” foram poucas vezes, conta ele que prefere esquecer as situações relacionadas com preconceito racial. Em uma das vezes em que foi ofendido, a pessoa que o agredia achou que ele não podia entender o que ela estava dizendo, já que muita gente na cidade tem o hábito de misturar alemão com português ao falar. Mas ele entendeu e procurou a empresa para relatar o preconceito, que hoje já não se repete mais. Sobre as palavras que foram usadas, Louis diz que prefere esquecer, que escolheu “não dar importância para essas coisas”.

Louis conta que viajou para o “país x” em julho de 2013, para visitar o pai e os sete irmãos que vivem lá. Diz que não pretende voltar a morar no “país x” porque não existe emprego. Aqui, ele não se relaciona muito com os nativos, fala mais com os outros imigrantes. Segundo ele, isso não é por causa do racismo, e sim porque nunca sai de casa, apenas para ir e voltar ao trabalho. Louis conta que um amigo seu, também do “país x”, foi abordado na rua e agredido. “Bateram muito e ele teve que passar oito dias no hospital”, conta. Por causa disso, ele não sai: “Tenho medo que me aconteça alguma coisa aqui, longe da minha família”, diz. O medo não tem relação com o fato de ser negro ou estrangeiro, porque “a violência está em todos os lugares”, complementa.

## **TRAJETÓRIA SENEGAL > BRASIL**

“No primeiro dia do curso, sala de aula lotada. Alunos de diferentes idades e conhecedores de níveis variados da língua francesa aguardavam Moussa Diagne, ou Kalamoulah (em árabe significa “voz de Deus”), como é conhecido pelos amigos.

Moussa tem 28 anos e veio do “país de origem” tentar a sorte no “país x” há dois anos. “A primeira ideia era migrar para a Bélgica. Mas um amigo do meu irmão, que viaja bastante, sugeriu que eu viesse para a “país x” ou o “país y”, que estão em melhor situação econômica, comparando com a Europa. Achei que aqui teria mais oportunidades”, conta.

Na capital do “país de origem”, Moussa trabalhava como técnico em uma empresa de telefonia. Apesar de não falar francês no dia a dia, aprendeu a língua na escola que frequentava. Sabendo do seu conhecimento sobre o idioma, seu amigo Modou o apresentou à Marjorie Hattge, responsável pelo curso Bonne Chance – Francês com Refugiados, promovido no Vila Flores. O curso já teve duas edições: uma no final de 2016 e outra agora em fevereiro. “Gostamos muito do Moussa porque ele se mostrou super solícito e gentil, além de estar aberto ao projeto. Além disso, os alunos gostam dele”, conta Marjorie.”